

Consultório midiático sexual: análise das colunas de revistas destinadas ao público adolescente

Clarissa Castiglione*

Introdução

Para iniciar estas reflexões que colocam em discussão o formato jornalístico das colunas de consulta veiculadas nas revistas para adolescentes é necessário, primeiro, apresentar como este campo de investigação será abordado. Trata-se de um campo que constitui um espaço de interatividade e prestação de serviço em vários veículos de comunicação no Brasil. As colunas de consulta vêm se consolidando nas revistas destinadas ao público adolescente e têm como objetivo esclarecer dúvidas de leitores que buscam, na mídia, ajuda para resolver problemas sobre temas como saúde, sexo, afetividade e drogas.

Além de prestar serviço aos adolescentes, essas seções demonstram ser uma forma de estimular a interação do público com a informação veiculada: é através desse espaço que especialistas habilitados em questões do universo juvenil oferecem a oportunidade de um aconselhamento para as dúvidas e aflições de muitos adolescentes que, por timidez ou vergonha, preferem usar esse canal anônimo na busca de uma solução ou de um encaminhamento para seus problemas.

Mesmo sendo um formato que difere da reportagem e da matéria jornalística, as colunas de consulta devem utilizar critérios comprometidos com a responsabilidade de formar e informar seus leitores. No entanto, é notável que essas seções apresentem problemas de produção, edição, respostas inadequadas ou preconceituosas, falta de profundidade e de domínio e erros técnicos. A maneira pela qual as perguntas e respostas são veiculadas nas colunas de consulta pode, dependendo da edição e da abordagem, levar o adolescente à desinformação, ou seja, ao não cumprimento da função mídia-educação. Pautadas em cima de problemas que

* Aluna especial do curso de pós-graduação na Universidade Estadual Paulista (Unesp), jornalista da revista *Bauru News* e das revistas da Editora Novo Mundo.

partem de um enfoque pessoal para atingir o coletivo, esse espaço realiza um trabalho de sensibilização social: suas matérias possuem um formato que transcende o jornalismo tradicional, inovando na abordagem das questões que dificilmente aparecem nas reportagens.

O formato tem feito com que leitores adolescentes utilizem a mídia como consultório médico que esclarece dúvidas relativas a questões psicológicas e de relacionamento. A identificação da necessidade de discussão desse meio e os desafios da agenda social como mídia-educação deu-se a partir do pressuposto de que a sexualidade é atualmente vista como um problema de saúde pública. Optou-se então, por um estudo motivado por indagações e com metodologia adequada. Em seu desenvolvimento a revisão de literatura oferece considerações sobre a mídia como prestadora de serviço no contexto do atendimento à saúde do adolescente, sua importância no universo juvenil e os desafios de linguagem, abordagem e edição.

Em um estudo analítico, foi apresentado o perfil editorial das revistas *Atrevida*, *Capricho* e *Todateen*, seguido de análise das seções *Sexo Seguro*, *Sexo* e *Sexo 100 Vergonha*. Dado o limite de espaço, optou-se por apresentar nesta comunicação algumas referências que embasaram a análise, sem a pretensão de oferecer um relato minucioso da reflexão teórica, das opções metodológicas e das conclusões finais.

Desafios de linguagem, edição, estrutura e conteúdo

Um importante levantamento divulgado pela Andi, Ministério da Saúde e Unicef revela que, a cada dez minutos, um leitor, ouvinte ou telespectador procura a mídia para esclarecer suas dúvidas e expor seus problemas íntimos. Catalão (2002, p. 6) constatou que existe uma grande procura por esse tipo de informação que aborda dúvidas relativas a questões psicológicas e de relacionamento vindas do público adolescente. Ainda, a pesquisa revelou que quatro mil perguntas são enviadas por mês às principais seções de consulta do país, sendo que, das questões formuladas, 47% são feitas por adolescentes de 13 a 17 anos.

O anonimato é uma das características que conquistam a confiança do jovem na hora de enviar sua dúvida para as colunas de consulta. Expor seu problema íntimo para milhares de leitores e ser respondido, sem ser identificado é a garantia de que seu conflito pessoal vai estar protegido da família e dos amigos. Para Vivarta (2003, p. 106), o formato das colunas de consulta permite “a contextualização da informação, pois as perguntas/respostas partem do enfoque mais pessoal para influir no coletivo, muitas vezes indo além do que as pautas das reportagens costumam cobrir”. A sexualidade é atualmente vista como um problema de saúde pública: “É o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúne globalmente como espécie humana. A sexualidade é um ‘negócio de Estado’, tema de interesse público, pois a conduta sexual diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie” (Altamann, 2001, p. 576).

Para Buitoni (2002, p.22) “[a] timidez, a facilidade de escrever sobre a intimidade sem precisar aparecer pessoalmente, a busca de orientação e o desejo de falar de amor sempre foram campo fértil para o consultório sentimental”. Outra característica que leva o adolescente a escrever é a segurança de que um especialista irá respondê-lo de forma profissional. Hogan (2000, p.73) acredita que matérias direcionadas a saúde do adolescente causam um impacto na vida dos jovens e que devem possuir acompanhamento médico especializado para controlar o que a mídia veicula em imagens e mensagens. Considerando que a mídia assume uma referencialidade enquanto organizadora de um discurso coerente, verossímil e verificável perante seu público, as colunas de consulta são consideradas pelos adolescentes como um canal de informação incontestável, já que a mídia possuiu esse caráter manipulador, de poder. Segundo Scalzo, (2004, p.54), “A primeira regra é: não escrever para si mesmo. Principalmente no jornalismo de revista, o leitor é alguém específico, com cara, nome e necessidades próprias”.

Mais do que um desafio da agenda social, as colunas de consulta enfrentam a responsabilidade de estarem afinadas com os desejos e anseios de seu público. Mas, o que faz o adolescente buscá-las como meio direto de receber informação? De acordo com dados levantados pela parceria Andi, Unicef e Ministério da Saúde, 45% dos adolescentes afirmam procurar essas colunas porque são

fontes esclarecedoras e 30,7% por timidez e ou vergonha de esclarecer dúvidas com os pais. O interesse e a procura dos jovens pelo serviço proposto pelas colunas de consulta são motivados também pelo precário atendimento público de saúde que existe hoje em dia: segundo pesquisa acima citada, cerca de 8% dos adolescentes afirmam procurar as colunas de consulta devido à dificuldade em conseguir atendimento médico. Porém, existem problemas de produção, edição, respostas inadequadas ou preconceituosas, alguns graves erros técnicos, falta de profundidade e de domínio sobre os temas focados. Quaglia et al (2003, p. 103) evidencia que a mídia carrega uma cota de responsabilidade na composição dos enunciados veiculados e que é notável no texto para adolescentes o uso de palavras desatualizadas, incorretas ou preconceituosas. Segundo Vilas Boas (1996, p. 71):

(...) "além do habitual estilo formal-coloquial do jornalismo, a revista toma pressões da literatura e as transpõe para uso corrente, podendo-se obter uma outra forma de expressão, ao mesmo tempo criativa e erudita. Da mesma forma o faz com expressões populares (jargões, neologismos, coloquialismos, etc.)"

Observa-se também que as colunas de consulta ainda não encontraram o equilíbrio entre a linguagem técnica e a informal. Às vezes, o nível de linguagem chega a ser extremamente caricata, desrespeitando o autor da pergunta. Já, em outras, chegam a serem puramente técnicas. Lage, (1998, p.37) acredita que:

"O registro coloquial seria sempre preferível, do ponto de vista da eficiência da comunicação. Para as pessoas de pouca escolaridade e, mesmo para as que estudaram ou lidam constantemente com a linguagem formal é mais acessível e permite mais rápida fruição e maior expressividade".

A estrutura jornalística das colunas engloba também critérios na edição visual, escolha do título e edição da coluna. Na edição visual, o importante é saber usar de forma coerente as ilustrações para as perguntas, pois, as imagens têm que reforçar o conteúdo das respostas e não contradizê-las. "Pode-se optar por um visual lúdico e divertido, sem deturpar o conteúdo das respostas", aponta Vivarta

(2002, p. 40). Fotos e ilustrações são ferramentas utilizadas e quando bem utilizadas cumprem a função mídia-educação. “O sentido da mensagem estará determinado pela seleção fotográfica: o texto circunstância as fotos, não o contrário”, evidencia Lage (1979 apud Marques, 2003).

Outros deslizes foram detectados, inclusive questões de foco, quanto ao espaço dedicado à promoção da saúde, respostas que não incentivam ações de protagonismo juvenil e ainda falta de indicação de serviços. A seguir, segue a descrição das análises das colunas de consulta que respondem questões sobre sexo das três revistas de maior circulação nacional destinadas ao público adolescente: *Atrevida*, *Capricho* e *Todateen*.

Análise de colunas de consulta da revista *Atrevida*

Esta pesquisa analisou e selecionou as colunas de consulta da revista *Atrevida*, veiculadas de janeiro a junho de 2003 que abordavam exclusivamente temas relacionados à sexualidade do adolescente. Além dos erros técnicos e jornalísticos apontados, exemplos positivos também foram citados, em um contexto de comparação entre falhas e acertos. Foi desenvolvida uma descrição analítica da seção *Sexo Seguro* a fim de oferecer uma exposição objetiva do que foi veiculado na respectiva proposta editorial. Para a realização da análise, foram feitas avaliações com a finalidade de traçar um paralelo entre as distorções jornalísticas apontadas e o que as funções jornalísticas definem como ser um jornalismo comprometido com a informação, educação e com a prestação de serviço. A seguir, a descrição do perfil do produto editorial estudado:

Revista: *Atrevida*

Editora: Símbolo

Preço: R\$ 3,90

Número de páginas: média de 88 a 108

Periodicidade: mensal

Edições analisadas: 101 a 106

Público alvo: feminino. Idade entre 12 e 17 anos

Definição editorial: revista de entretenimento segmentada,

direcionada ao público adolescente feminino.

Tiragem: média de 103.300 exemplares mensais

Assinatura: média de 21.100

Foram analisadas as colunas de consulta da Seção *Sexo Seguro*. O formato seleciona e responde as cartas das leitoras com dúvidas sobre sexualidade. Os principais questionamentos foram com relação à saúde dos órgãos sexuais, doenças sexualmente transmissíveis, homossexualidade, métodos contraceptivos, gravidez, masturbação, menstruação, sexo oral e sexo anal. As perguntas são diagramadas em colunas e a seção ocupa uma página com média de quatro perguntas respondidas.

A estrutura da coluna é constituída de perguntas e respostas mais o *SOS Sexo*, um box de prestação de serviço que indica sites sobre assuntos relacionados a sexualidade, comportamento e saúde do adolescente. O espaço para as respostas é de nove a 27 linhas. Outro box fixo que faz parte da coluna é o *Que barra!*, espaço de destaque para a resposta de somente uma carta.

Seção sexo seguro

Segundo Vivarta (2002), existem dois tipos de coluna de consulta: as colunas diretas e as indiretas. Diante dessa afirmação, classifica-se a coluna de consulta *Sexo Seguro* como direta, pois há a interação do público (participação por carta e e-mail) com a revista. O anonimato das leitoras foi preservado em 100% das cartas respondidas, utilizando apenas as iniciais do nome como recursos de identificação. Porém, o nome das cidades não foi preservado em 100% das perguntas, mesmo nos casos de cidades pequenas, o que pode levar, segundo Vivarta (2002), à identificação do leitor, contrariando a exigência de confidencialidade e privacidade.

A identificação da idade estava presente em 98% das perguntas. Em Vivarta (2002), para os jovens a idade especificada na pergunta é um eixo de referência e de proximidade com os problemas. Por isso, fica clara a importância dessa afirmação, pois de acordo com os conceitos discutidos na revisão de literatura, a coluna será lida por adolescentes de faixas etárias diferentes, havendo a necessidade do conhecimento antecipado, pois condiciona,

inclusive, a abordagem da resposta e a orientação que irá ser dada. Observa-se que a edição das perguntas em cada seção demonstrou o cuidado em não repetir assuntos, optando pela seleção das dúvidas mais frequentes pertinentes ao universo juvenil.

Segundo Vivarta (2002, p. 40), “na falta de espaço, selecione poucas perguntas para responder”. Esse dado pode ser observado na coluna *Sexo seguro*, pois as quatro cartas respondidas tinham espaço suficiente para uma resposta que não fosse com conteúdo superficial. A edição visual segue um estilo lúdico e didático, fazendo uso de desenhos que não apresentam traços apelativos e sensacionalistas, porém, contraria critérios de edição de imagem, utilizando figuras que se baseiam no problema e não na solução. Ou seja, a maioria das ilustrações analisadas da seção *Sexo seguro* faziam apologia ao problema da pergunta e não a solução. Segundo Vivarta (2002), “o melhor é a ilustração que se baseia na solução proposta, e não no problema”. Uma pergunta sobre obesidade não deve vir acompanhada de uma ilustração de uma pessoa obesa, mas sim, de exercícios físicos, agindo como um suporte de sustentação do aconselhamento emitido na resposta.

Outro desafio de edição das perguntas discutido na revisão é como respeitar o conteúdo emocional da carta. Vivarta (2002, p. 40) afirma que “é de grande responsabilidade resumir cartas longas, pois uma palavra pode fazer diferença e dar o tom para a contextualização da pergunta, criando mecanismos de identificação com os leitores”. A seguir, um exemplo de pergunta e resposta que contraria essa afirmação: “Amo um menino que me esperou durante meses, porque não gosto de ficar. Depois, começamos o namoro, que durou até eu sair de férias e ficar com outro. Quando voltei, contei a ele, que não me perdoa. Ele diz gostar de mim, mas não quer saber mais de nada, porque não cresço.” (pergunta enviada por uma leitora de 15 anos. Revista *Atrevida*, ed. 104, p. 14).

Foi observado que a resposta dada a essa leitora não respeitou o conteúdo emocional da carta, usando no discurso um tom de deboche, superficialidade e falta de orientação. Segue a resposta: “Ah bom! Com ele você não quis ficar, mas com outro pôde? E acha que só porque confessou seu “pecado” deveria ficar tudo bem? Pedimos desculpas, mas o garoto tem razão. Quem é crescida não brinca com os sentimentos alheios. O que queria que ele fizesse?”

Corresse para os seus braços, só porque decidiu que é realmente dele de quem gosta, e que ficasse agradecido por sua sinceridade ao contar que o traiu? Pense em suas atitudes: é assim que a gente aprende a crescer”..

Apesar de mostrar para a leitora o erro que ela havia cometido, a resposta desviou-se do foco principal da pergunta, que era encaminhar para a solução do conflito. Além disso, nota-se também o uso de apenas um eixo de raciocínio, além de não indicar uma solução. Ou seja, a resposta negligenciou os caminhos para a adolescente superar o problema. Verifica-se que a resposta reforçou o conflito da leitora e não buscou mostrar que, para qualquer tipo de problema, há soluções. Em Vivarta (2002, p. 40), “se a resposta apresenta três eixos de raciocínio, por exemplo, trabalhe com um ou dois eixos de forma completa, em vez de trabalhar com os três de forma superficial. A edição não pode comprometer o conteúdo da resposta”. Outro item observado na edição das perguntas é que não há títulos que anunciem a dúvida. Essa estrutura pode ser definida pelo perfil editorial da seção e, propositalmente, a coluna optou por não colocar títulos. Para Vivarta (2002), o título é importante, pois aproxima o leitor do problema, além de trazer uma síntese do conteúdo da resposta. A proposta educativa ideal, no caso, seria construir títulos que já tragam um conteúdo educativo ou uma orientação. O enfoque das respostas é direcionado a dúvida em si e foi observado que, mesmo quando havia a oportunidade de promoção da saúde, a resposta não o fez.

O uso da camisinha foi mencionado apenas em cinco respostas: duas delas que diziam respeito a dúvidas sobre doenças nos órgãos genitais e as outras três sobre relação sexual. Apenas em uma das respostas o uso da camisinha foi mencionado como prevenção as DSTs. Assuntos sobre Aids e sua prevenção não foram lembrados em nenhuma pergunta, além das respostas não se preocuparem em fazer ganchos sobre sexo seguro. Para Vivarta (2002, p. 27), “é sempre importante fazer ganchos entre DTS/ Aids e gravidez”.

Foi observado que de sete perguntas relacionadas a problemas de saúde do órgão sexual, em seis respostas havia a sugestão para a leitora procurar um médico e em uma não houve a menção de ajuda especializada. Em nenhuma das perguntas foi detectada a indicação de algum tipo de serviço que facilitasse o acesso a informações e

ajuda médica como, por exemplo, a indicação de varas da infância e da juventude, entidades estudantis, órgão de defesa do consumidor, ajuda vinda de escolas, entre outros.

Em 100% das respostas foi observada a orientação “*procure um especialista*”. Segundo Vivarta (2002), a promoção da saúde e o encorajamento para que o jovem busque ajuda de um especialista é fundamental no enfoque das respostas. Também foi detectado que em nenhuma das respostas houve incentivo ao protagonismo juvenil como, por exemplo, a incorporação de atividades extracurriculares como trabalhos voluntários ou a criação de grupos de discussão para orientação sobre sexo. Em nenhuma das 26 respostas houve a prescrição de medicamentos. Foi observado que a linguagem utilizada preza pelo estilo coloquial que, segundo Lage (1998), é mais eficiente e indicado, principalmente nesse veículo de comunicação.

A questão da abordagem inadequada foi observada no tratamento dado a uma carta que continha o seguinte conteúdo: “Transei com meu namorado pela primeira vez na casa dele. Ao sair, encontramos a mãe dele. Desconfiada, ela foi até minha casa para conversar com minha mãe. Conto ou não para ela o que aconteceu?” (revista *Atrevida*, ed.102, p. 18). A resposta dada foi a seguinte: “Vocês não pensaram nas conseqüências, não é? Foram na base do impulso e olhe só a confusão armada. Se a mãe dele apenas desconfiou e deu no que deu, imagine o que seria se tivesse pego os dois na cama? (...)” A resposta utiliza o recurso da “pedagogia do terror” na última frase, numa tentativa explícita de chamar a atenção da leitora para um erro, enfocado pela resposta, como fatal.

A primeira frase causa o impacto de repressão, quando deveria apenas responder a dúvida da leitora, que era saber se ela devia ou não contar para a mãe o que havia acontecido. Abordagem inadequada pode afastar o adolescente ao invés de orientar, além de causar constrangimento ou culpa por algo que poderia ser resolvido através de um diálogo informativo e explicativo. Segundo Tiba (1986, p. 46), “a interpretação é decorrência da capacidade crítica de julgamento. Através da interpretação de algo, as pessoas expõem seus pontos de vista, suas referências de valores positivos ou negativos”. Maingueneau, (2001, p.79), afirma que “a distância que assim se estabelece entre co-enunciador e texto escrito abre um espaço para um comentário crítico ou para análises: o leitor pode

sondar o texto, comparar certas partes, de forma a elaborar interpretações”.

Ainda na mesma resposta, foi possível detectar um enfoque pessoal por parte do jornalista responsável pela orientação: “Afinal, na casa dela quem impõem os limites é ela”. Com essa afirmação a resposta não encaminha a leitora para uma atitude responsável, pois a solução está imposta a partir de um julgamento pessoal do jornalista. Informação correta é aquela a qual é checada e sustentada por dados científicos e verídicos. Essa resposta só apresenta conseqüências em vez de indicar caminhos para que a leitora decida qual a melhor atitude a tomar. A coluna não é assinada e não apresenta consultoria de especialista, o que indica que as respostas foram elaboradas pelo(s) próprio(s) jornalista(s). Dados científicos, fontes ou bibliografias que comprovassem a idoneidade das respostas não foram citadas em 100% das respostas.

Segundo Vivarta (2002), essa negligência é motivo de preocupação e questionamento de como estarão sendo construídas estas respostas: se elas são baseadas somente na experiência pessoal do jornalista, com maior ou menor bom senso, ou se terão sido apuradas e, contrariando a prática jornalística, sem a citação das fontes. Scalzo (2004, p. 55), afirma que “(...) uma boa matéria de prestação de serviço significa checar informações, ouvir fontes confiáveis, cruzar dados, enfim, fazer jornalismo (...)”. Segundo critérios éticos do jornalismo, o jornalista deve entrevistar quem lida diretamente com o assunto, para que a construção e divulgação da informação estejam comprometidas com a responsabilidade de formar e informar seus leitores.

Análise das colunas de consulta da revista Capricho

Foram tomadas como amostra às edições veiculadas entre os meses de janeiro e junho de 2003 para analisar e apontar falhas de conteúdo educativo, informativo e de prestação de serviço que prejudicam as funções jornalísticas para assim responder a essas indagações pertinentes ao formato não convencional de se fazer jornalismo. A seguir o perfil editorial do material analisado.

Revista: Capricho

Editora: Abril

Preço: R\$ 4,90

Número de páginas: de 98 a 114

Edições analisadas: 905 a 916

Periodicidade: quinzenal

Público alvo: feminino. Idade entre 12 e 17 anos

Definição editorial: revista especializada, direcionada ao público adolescente feminino.

Tiragem nas bancas: média de 99.300 exemplares quinzenais

Assinaturas: média de 48.300

Seção sexo seguro

Sexo é uma seção no formato de coluna de consulta em que aborda temas sobre sexualidade. Ocupa o espaço de uma página e tem periodicidade mensal, dentro de uma revista quinzenal. Os principais assuntos abordados nas seis seções analisadas foram sobre prazer, corpo masculino, camisinha, HPV, comportamento agressivo e fantasias sexuais.

A estrutura da coluna é constituída de perguntas e respostas, textos explicativos, ilustrações, box com serviços, endereço virtual para correspondência e o box *Camisinha tem que usar*. A estrutura das seis colunas de consulta da seção *Sexo* não segue o padrão de pergunta e resposta. No período analisado, foi observado que a diagramação e a arte das colunas eram diferentes da anterior. A coluna é assinada por especialista. Das seis seções analisadas, somente duas colunas, das edições 913 e 915, possuíam o tradicional formato de coluna de consulta direta, ou seja, em que havia a interação com leitor. As demais colunas podem ser classificadas como indiretas, pois não há interação do público. Diante dessa diferença editorial adotada pela revista, a análise da coluna será dividida em coluna indireta e direta. As únicas duas colunas diretas observadas traziam apenas uma pergunta por seção, box educativo, endereço para a leitora participar e ilustração. O anonimato não foi preservado em nenhuma das perguntas e a formulação da pergunta segue um estilo próprio, fazendo o uso de uma linguagem narrativa para apresentar a dúvida da leitora.

Esse é um dos fatores que deve ser considerado critério editorial, pois, segundo Vivarta (2002, p. 12), "(...) é essencial em respeito ao princípio da confidencialidade e privacidade". Nas duas perguntas analisadas, a idade não foi divulgada, contrariando outro critério editorial que deve ser seguido. A divulgação da idade do autor é um ponto de referência para que as repostas sejam melhores elaboradas pelos colunistas e também para que ocorra a identificação pelas leitoras. A coluna da ed. 915 é destinada em responder uma dúvida que não caberia ser respondida nessa seção com formato de coluna de consulta. "O dia dos namorados está chegando... tem algo especial que a gente possa fazer a dois?" (revista Capricho, ed. 915, p. 36). A resposta foi embasada nas dicas de massagens extraída de um livro. A coluna sugere um kit erótico para a leitora usar com o namorado.

Partindo da afirmação de que as colunas de consulta são formadoras de opinião e promovem mudanças de comportamento nos adolescentes, essa edição, especificamente, não cumpriu seu papel de mídia educadora e de prestadora de serviço. Observou-se que a única promoção de saúde é o box *Camisinha tem que usar*, com a foto de um artista segurando o preservativo. O que se percebe é que um espaço na mídia que possuiu grande público não foi bem aproveitado, abordando um assunto sem conteúdo educativo. Foi observado que as duas colunas classificadas como diretas fizeram o uso de dados e estatísticas com a divulgação das fontes, mas de forma superficial. A edição dos títulos não trouxe conteúdo educativo e nem uma pré-orientação como um atenuante à ansiedade do adolescente.

As colunas indiretas (edições 906, 907, 909 e 911) abordavam temas como HPV, camisinha e prazer. As quatro colunas indiretas analisadas apresentavam dados e estatísticas sobre aids, HPV, orgasmo e camisinha como recurso para embasar o assunto discutido. "Usar boxes com glossários ou indicação de serviços pode ser uma boa forma de passar a mensagem", afirma VIVARTA (2002, p. 40). A coluna que traz a matéria sobre HPV é única que ocupa duas páginas e que comunica a existência da vacina contra a doença, novidade dada em primeira mão pela seção. Existe a ainda a informação através de um box de serviço com endereço de hospitais para testar a vacina, estatísticas e as principais dúvidas sobre HPV. A

edição visual de todas as colunas da seção *Sexo* (diretas e indiretas) destacou a solução e não o problema. O uso da camisinha foi mencionado em todas as colunas analisadas da seção *Sexo*. Assuntos sobre aids e doenças sexualmente transmissíveis e sua prevenção foram lembrados em cinco das seis colunas analisadas. Ganchos sobre gravidez e aids foram observados em algumas colunas. “[é] sempre importante fazer ganchos entre DTS/ Aids e Gravidez”, afirma VIVARTA.

A menção para a adolescente buscar ajuda de um especialista foi citada apenas em uma coluna, quando houve a oportunidade de fazer. Somente em uma das colunas foi observada a indicação de algum tipo de serviço que facilitasse o acesso a informações e ajuda médica. Nas outras cinco colunas, serviços como a indicação de delegacias, varas da infância e da juventude, entidades estudantis e órgãos de defesa do consumidor não foram lembrados. A promoção da saúde e o encorajamento para que o jovem busque ajuda de um especialista é fundamental no enfoque das respostas.

Foi observado que em nenhuma das respostas houve promoção ao protagonismo juvenil. Não houve a ocorrência de prescrição de medicamentos. A coluna é assinada por Laura Muller, educadora sexual da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (Sbrash) e autora do livro *500 Perguntas Sobre Sexo, da editora Objetiva*. Segundo VIVARTA (2002, p. 15), “(...) a decisão de quem será ouvido começa a se construir a resposta, tal como ocorre numa matéria. A escolha correta produzirá a resposta mais adequada”. Diante dessa afirmação e das análises feitas, conclui-se que um dos muitos desafios para manter um padrão de qualidade técnico jornalístico nas colunas de consulta é definir as posições de jornalistas e especialistas.

Análise das colunas de consulta da revista *Todateen*

Esta pesquisa analisou e selecionou a coluna de consulta *Sexo 100 vergonha* da revista *Todateen*, veiculada de janeiro a junho de 2003 que abordava exclusivamente temas relacionados à sexualidade do adolescente. Além dos erros técnicos e jornalísticos apontados, exemplos positivos também foram citados, em um contexto de comparação entre falhas e acertos. Foram desenvolvidas descrições

analíticas a fim de oferecer uma exposição objetiva do que foi veiculado na respectiva coluna de consulta. A seguir, descrição do perfil do produto editorial estudado:

Revista: Todateen

Editora: Alto Astral

Preço: R\$ 3,50

Número de páginas: 82

Periodicidade: mensal

Edições analisadas: 86 a 91

Público alvo: feminino. Idade entre 12 e 17 anos

Definição editorial: revista especializada, direcionada ao público adolescente feminino.

Tiragem em banca: 91.319 exemplares mensais

Assinaturas: média de 1.845

Seção sexo 100 vergonha

As perguntas são diagramadas em colunas e a seção ocupa uma página com média de nove perguntas respondidas. A estrutura da coluna é constituída por perguntas e respostas, mais o box *Dá a dica*, espaço em que uma personalidade do meio artístico responde a carta de uma leitora. O espaço do box para as respostas é de 12 a 21 linhas e, das demais respostas, é de três a 14 linhas. A estrutura das seis colunas de consulta da seção *Sexo 100 vergonha* é padronizada: perguntas, repostas e foto no box *Dá a dica*. Foram analisadas 51 perguntas e respostas. O título da seção sugere antecipadamente que o espaço é destinado para assuntos sobre sexualidade. As principais dúvidas observadas foram com relação a doenças sexualmente transmissíveis, camisinha, anatomia dos órgãos genitais, métodos contraceptivos, higiene íntima, gravidez, orgasmo, masturbação, menstruação, relação sexual, homossexualismo, sexo oral, virgindade e sexo anal. A seção *Sexo 100 vergonha* pode ser classificada como uma coluna de consulta direta, pois há a participação dos leitores. Foi observado que o repertório de temas abordados é variado: não existe repetição de perguntas e os assuntos, por mais que tivessem o mesmo enfoque, receberam uma edição distinta.

Considerando que a divulgação da idade é um critério editorial que promove a identificação dos outros leitores com o problema da pergunta, foi observado que, das 51 perguntas analisadas, todas identificaram a idade, porém não preservaram o anonimato do autor da pergunta: em 100% das perguntas, o primeiro nome foi identificado. As seis colunas de consulta tiveram a colaboração de um médico ginecologista. O foco principal das perguntas é voltado para as dúvidas sobre o ato sexual. Foi observado que os assuntos que envolvem prevenção e promoção à saúde do adolescente foram pouco discutidos no contexto da coluna: das seis colunas analisadas, duas perguntas eram sobre camisinha e outras duas sobre DSTs.

As perguntas sobre DSTs receberam uma resposta que orientava, mas não fazia ganchos com a prevenção, visto na seguinte pergunta: “É possível pegar doenças como herpes ou HPV sem penetração?” (revista *Todateen*, ed. 89, p. 26). A resposta dada foi a seguinte: “As doenças causadas pelos vírus que você mencionou são extremamente contagiosas e não dependem de penetração para passarem de uma pessoa a outra. Caso haja alguma ferida nos genitais, dê um tempo nas atividades sexuais e procure um médico”. Observa-se que a resposta teve a oportunidade de fazer ganchos, mas a menção da camisinha como o único método como prevenção contra doenças foi esquecido.

Uma das perguntas sobre preservativo recebeu uma resposta que negligenciou uma informação completa sobre o tema e ainda deixou de prestar uma orientação adequada sobre sexo seguro. A seguir, a pergunta em questão: “É melhor que o homem ou a mulher use camisinha?” (*Todateen*, ed. 90, p. 26). Segue a resposta: “Os dois métodos têm a mesma eficiência: anticoncepcional e proteção contra as doenças sexualmente transmissíveis. Vai depender das preferências do casal”. A resposta contém graves falhas: falta de profundidade de informação e negligência de serviço no sentido de não informar sobre os riscos de não usar camisinha, deixando a decisão de qual melhor método nas mãos da leitora e das demais que estão lendo a resposta e se identificando com a dúvida.

O que determina uma resposta de qualidade não é o espaço, mas sim o enfoque central da dúvida da leitora, fazendo ganchos que promovam cuidados com a saúde dos adolescentes. Porém, há uma disparidade positiva em relação a três outras perguntas que

abordavam a pílula como método contraceptivo: foi observado que duas lembraram a leitora de que esse método protege somente contra gravidez e a camisinha protege das DSTs, Aids, além de ser contraceptivo também. Assuntos que oferecem oportunidades de promoção à saúde do adolescente devem receber uma maior atenção do colunista.

Para REMEZ (2002, p. 21), “veículos para adolescentes têm o compromisso claro de abordar o tema e dedicar maior espaço a questões de relevância (...)”. O discurso das repostas optou por uma linguagem informal, mas técnica ao mesmo tempo. A edição visual da coluna *Sexo 100 vergonha* é superficial: como recurso visual, utiliza apenas a imagem de uma personalidade (atriz, ator, cantor(a)) que está em destaque na mídia para ilustrar o box *Dá a dica*. A coluna não aproveita recursos gráficos para fornecer informações complementares e nem para reforçar a solução do problema. Todas as respostas apresentam somente um eixo de raciocínio, o que não favorece a autonomia do adolescente para que ele faça a melhor escolha. Serviços de apoio, sites ou livros que abordem assuntos relacionados à saúde mental e física do jovem não são fornecidos.

Dados e estatísticas não foram utilizados nas respostas para dar um embasamento científico e real à informação. Todas as perguntas acompanham títulos sem conteúdo educativo e que possam tranquilizar a dúvida da leitora. Foi observado que nenhum dos títulos usou metáforas, gírias ou termos herméticos que confundissem os leitores. No entanto, nenhum deles procurou reforçar a solução proposta na resposta dada. Das 51 perguntas analisadas, uma era masculina e foi respondida no box *Dá a dica* pelo artista Dado Dolabella. A proposta de dedicar um espaço de resposta a um artista, que tem influência junto aos adolescentes, é um recurso adequado para fortalecer e provar que as dúvidas se repetem, independente de classe social ou sexo e que, para essas dúvidas, haverá respostas e soluções.

Discussão

Falhas e erros técnicos de linguagem, estrutura, edição e conteúdo fizeram-se notar nas colunas de consulta do segmento juvenil descritas e analisadas neste trabalho. Pode-se constatar que

a construção de uma linguagem descontraída e ao mesmo tempo educativa e informativa é uma tarefa que requer dos profissionais da mídia jovem, enquanto formadores de opinião, responsabilidade não apenas social, mas de corresponder aos desejos e anseios desse público adolescente.

A limitação do espaço destinado às respostas foi um fator que prejudicou o conteúdo informativo, deixando-as superficiais e desperdiçando oportunidades de fazer relações com a promoção da saúde do adolescente. A coluna *Sexo 100 vergonha* da revista *Todateen*, teve como meta principal atender mais leitoras, apresentando, dessa forma, maior quantidade de perguntas respondidas em um pequeno espaço, comprometendo, assim, a qualidade das respostas. Foi a revista que apresentou o maior número de perguntas por página e o menor espaço destinado às respostas, proporcionando, às autoras da cartas e a suas leitoras, uma mensagem que transmitia informação correta, mas superficial e incompleta.

Já a seção da revista *Atrevida* não economizou no espaço e na quantidade de perguntas selecionadas por página. Porém, não prezaram pela qualidade dessas respostas: muitas apresentaram várias respostas sem conteúdo educativo e informativo. A coluna de consulta *Sexo* da revista *Capricho* se preocupou em preservar um espaço grande para as respostas, selecionando de três a quatro perguntas por página, embora, nesse espaço, muitas apresentaram graves erros de abordagem, foco, edição visual e edição de títulos. Nenhuma das revistas utilizou títulos educativos. As revistas que optaram por usar títulos escolheram termos herméticos e metáforas que prejudicavam o caminho da mensagem que se queria transmitir aos leitores.

Os erros mais graves foram encontrados na edição dos títulos. A coluna de consulta *Sexo 100 vergonha* da revista *Todateen* não empregou títulos apelativos e nem metafóricos, mas sim, termos que não favoreceram a clareza das chamadas. Outros deslizos radiografados no campo da edição visual comprometeram a transmissão da informação. A revista *Todateen* não usou ilustração e recurso gráfico como reforço informativo em nenhuma das colunas analisadas. Já, a revista *Capricho* empregou recursos gráficos, mas algumas ilustrações eram apelativas e não condiziam com o conteúdo das respostas.

A coluna de consulta *Sexo Seguro* da revista *Atrevida* usou o recurso da ilustração para complementar a dinâmica proposta pela coluna, porém, apenas duas delas reforçava o conteúdo da resposta e transmitia uma mensagem educativa. Todas as colunas, quando teriam oportunidade de incentivar o protagonismo juvenil em determinada resposta, não o fizeram. Das três revistas analisadas, apenas a revista *Atrevida* não cita fontes e nem consultoria de especialista da área. A coluna *Sexo seguro* da respectiva revista não é assinada por nenhum colunista ou especialista responsável, o que indica que as respostas veiculadas naquela coluna são de inteira responsabilidade de seus editores, ou seja, contrariando os critérios jornalísticos de que a informação deve ter embasamento científico e fontes. Pode ser comprovado através dessa análise que as respostas veiculadas na coluna *Sexo seguro* são baseadas na experiência pessoal do jornalista que as escreveu.

Essa postura pode ser considerada antiética por demonstrar um claro descompromisso com a veracidade da informação. A revista *Todateen* apresenta consultoria de especialista da área, como médico ginecologista e terapeuta sexual, resultando na parceria adequada à proposta das colunas de consulta na mídia. Todas as colunas da seção *Sexo*, da revista *Capricho* são assinadas pela educadora sexual Laura Muller. A prestação de serviço público não foi promovida nas colunas de consulta *Sexo 100 vergonha*. Indicação de sites e fontes de consulta não foram dadas, ao contrário de coluna *Sexo Seguro* da revista *Atrevida* que fez uso de box com sugestão de sites sobre sexualidade, comportamento, saúde entre outros assuntos referentes aos conflitos dos adolescentes.

A coluna que melhor orientou e promoveu a saúde foi a coluna *Sexo*, da revista *Capricho*. Dados, estatísticas e serviços de apoio ao adolescente foram divulgados em quase 100 % das colunas da seção *Sexo* analisadas.

Considerações finais

Dado o poder de influência da mídia impressa jovem, as publicações da área assumem um importante papel de educadoras nessa fase em que o ser humano está num processo acelerado de desenvolvimento crítico e de formação de opinião. As revistas

destinadas ao público adolescente são o primeiro contato com a mídia impressa que muitos jovens têm, antes mesmo que o jornal. Sem cumprir o papel social de contribuir positivamente para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos adolescentes, as revistas tornam-se palco para a desinformação. A deturpação das funções jornalísticas na mídia impressa jovem colabora para a formação de adolescentes com senso crítico limitado, sem conteúdo informativo e sem autonomia.

As distorções de linguagem, abordagem, edição visual e enfoque apresentadas pelas colunas de consulta analisadas são o resultado de um perfil editorial que não se preocupa em fazer um produto editorial dentro dos padrões jornalísticos corretos, produzindo, dessa forma, superficialidade da informação e discursos alienantes, transformando-se em apenas um produto de mercado que visa somente o lucro. No entanto, os pontos positivos ocupam um espaço definido e que merece destaque. A linguagem adaptada à realidade dos jovens, o enfoque que parte de uma dúvida pessoal para atingir o coletivo e, principalmente, os incentivos a promoção da saúde são méritos conquistados desse estilo que as colunas de consulta encontraram de fazer jornalismo. Diante disso, esta pesquisa proporcionou, entre outras descobertas, a percepção da necessidade de uma mídia jovem mais consciente de seu papel social e de seu compromisso ético com a formação dos jovens.

Espera-se que as reflexões feitas nesta análise e seus conhecimentos obtidos possam fundamentar o desempenho profissional e contribuir, assim, para o exercício crítico do jornalismo na construção da informação com qualidade e respeito merecidos. É preciso que as colunas de consulta possam desempenhar a sua contribuição de acordo com os parâmetros jornalísticos. É necessário que a mídia na área de "consultório médico" exerça um jornalismo consciente do papel estratégico que lhe cabe no processo de preparação de seus jovens leitores para enfrentar os desafios da vida contemporânea.

Referências Bibliográficas

ALTMANN, H. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Estudos Feministas*, ano 9, 2º semestre de 2001.

BUITONI, D. Uma perspectiva histórica: do consultório sentimental à prestação de serviço. In: VIVARTA, V. (ed.) *A mídia como consultório?* Brasília: Andi/Unicef/Ministério da Saúde, 2002.

CATALÃO, N. Entre Alívios e efeitos colaterais. In: VIVARTA, V. (ed.) *A mídia como consultório?* Brasília: Andi/Unicef/Ministério da Saúde, 2002.

HOGAN, Marjorie. *Media Matters for Youth Health*. New York: Elsevier Science Inc, 2000.

LAGE, N. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1998.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

QUAGLIA, G. et al. O dom da palavra. In: VIVARTA, V. (ed.) *Equilíbrio Distante Tabaco, álcool e adolescência no jornalismo brasileiro*. Brasília: Andi/Unicef/Ministério da Saúde, 2003.

REMEZ, L. Oral Sex Among Adolescents – Is it Sex or is it Abstinence? In: VIVARTA, V. (ed.) *A mídia como consultório?* Brasília: Andi/Unicef/Ministério da Saúde, 2002.

SCALZO, M. *Jornalismo de revista*, 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TIBA, I. *Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial*. São Paulo: Agora, 1986.

VILAS BOAS, S. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.

VIVARTA, V. (ed.). *A mídia como consultório?* Brasília: Andi/Unicef/Ministério da Saúde, 2003.

VIVARTA, V. (ed.). *Equilíbrio distante. Tabaco, álcool e adolescência no jornalismo brasileiro.* Brasília: Andi/Unicef/Ministério da Saúde, 2003.